

LYRA, Luciana de F. R. P. de. Artetnografia: Do conceito *in constructo* às experiências performáticas. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo; Pesquisadora do Projeto Temático NAPEDRA; FAPESP; Supervisor Prof. Dr. John Dawsey. Atriz, Dramaturga e Encenadora.

RESUMO

Em investigação de doutorado (UNICAMP/2011), vinculada ao projeto temático do *Núcleo de Antropologia, Performance e Drama* (NAPEDRA/USP), a pesquisadora elaborou o conceito de Artetnografia, que se associa, intrinsecamente, a estratégias antropológicas contemporâneas de atuação em campo, configurando-se como prática realizada por artistas cênicos ao se deslocarem aos locais onde vivem aqueles que intentam pesquisar, para que nesta interação polifônica e subjetiva possa fomentar a criação da cena performática. O presente trabalho visa abordar a Artetnografia, pela perspectiva da inter-relação entre seu conceito ainda em processo de construção e duas performances, as quais brotaram de experiências artetnográficas, orientadas e dirigidas pela pesquisadora entre 2007 e 2011. Do contato com a comunidade de Tejucupapo, lugarejo da Zona da Mata, Norte de Pernambuco, eclodiu o espetáculo *Guerreiras* (2009), e da vivência junto à comunidade da Ilha de Deus, às margens do manguezal urbano no Recife, vem sendo desenvolvido o espetáculo *Homens e Caranguejos* (2011). A trança *Artetnográfica* urdida entre artistas e comunidades desvelou a Antropologia como Teatro, não uma Antropologia como reflexão acerca do Teatro, mas Antropologia no Teatro. Sendo assim, a teoria não manifesta apologia ao conceito puro, mas liga-se à prática de maneira lúdica.

Palavras-chave: Antropologia da Experiência. Performance. Artetnografia.

LYRA, Luciana F. R. P. de. Artethnography: From concept to construct in performing experiments. São Paulo, Brazil: Universidade de São Paulo, Researcher of the Thematic Project NAPEDRA; FAPESP; Supervisor Prof. Dr. John Dawsey. Actress, playwright and director.

ABSTRACT

In doctoral research (UNICAMP/2011), linked to the thematic project of the Center for Anthropology, Drama and Performance (NAPEDRA / USP), the researcher developed the concept of Artethnography, which is associated, intrinsically, the strategies of contemporary anthropological practice in the field, Configured as a practice performed by scenic artists to move to places where live those who try to search, so that this interaction polyphonic subjective and can foster the creation of performative scene. This paper aims to address the Artethnography, from the perspective of interrelation between the concept is still under construction and two performances, which sprang from artethnography's experiences, guided and directed by the researcher, between 2007 and 2011. Contact with the community Tejucupapo, hamlet of Zona da Mata, Norte of Pernambuco, broke the show 'Warriors' (2009) and, of living in the community of the Island of God, on the banks of urban mangroves in Recife, has been developing the show 'Men and Crabs' (2011). The woven braid Artethnography

between artists and communities, unveiled as Anthropology Theatre, not a reflection on anthropology as the Theatre, but at the Theatre Anthropology. Thus, the theory does not express apology to the pure concept, but it connects to the practice in a playful manner.

Keywords: Anthropology of Experience. Performance. Artethnography.

Contemporaneamente podemos perceber uma crescente atenção por questões pertinentes à Performance. No que se refere aos artistas, notamos a busca por processos autorais, partindo de camadas pessoais para criação, além do intenso interesse por trabalhos de pesquisa de campo, desvelando a Performance como vertente de expansão das possibilidades do processo criativo entre o *eu* e o *outro*. Por parte da comunidade acadêmica, a compreensão da personalidade e da alteridade no processo artístico desencadeia uma investigação que encontra na *interdisciplinaridade* um meio adequado para analisar a produção artística recente. Os estudos acadêmicos na área das Artes e o incremento do campo da *Antropologia da Performance* são provas disso, conjugando setores comumente isolados entre si, e contribuindo para repensar rígidas fronteiras epistemológicas, que ainda guiam nossa produção na academia.

Foi a partir do contato com a *Antropologia da Performance*, por meio do *Núcleo de Antropologia, Performance e Drama* (NAPEDRA-USP), que a pesquisadora, artista de formação, passou a entrecruzar o campo antropológico com os estudos acerca das Artes Cênicas, firmando um processo interdisciplinar que traz à lembrança um momento marcante na gênese da *Antropologia da performance*, entre 1960 e 1970, quando Richard Schechner, um diretor de teatro virando antropólogo, faz a sua aprendizagem antropológica com Victor Turner, um antropólogo que, na sua relação com Schechner, torna-se aprendiz do teatro.

Deste cruzamento entre Artes Cênicas e Antropologia, surgiu o conceito da *Artetnografia*, cunhado em doutoramento (LYRA, 2011). Este conceito, *in process*, conjuga afinidades eletivas entre o pensamento teatral e o fazer antropológico, especificamente no que tange à pesquisa de campo e às relações entre pesquisador e comunidade pesquisada. Ao produzirem conhecimento, a antropologia e o teatro provocam um deslocamento do lugar olhado das coisas. Suscitam estranhamento. Conduzem o ator, também pesquisador, a uma experiência de alteridade. Brincam com o perigo.

Vale lembrar que o trabalho do ator, de antemão, configura-se na antinomia: estar em cena, ao mesmo passo que interioriza o papel do espectador, sob a percepção concomitante, do mundo e de si mesmo. Uma capacidade de atuar em constantes desdobramentos, colocando-se na posição de espectador do mundo, do qual é impossível esquivar-se totalmente. O antropólogo, analogamente, transita entre dois mundos: o seu próprio e o dos outros, os grupos com os quais trabalha nas pesquisas. Esta constante dialogia gera ambiguidades, especialmente no que tange à transmissão das mensagens captadas em campo. Segundo Clifford Geertz, o olhar do antropólogo parece

estar longe da imparcialidade, afirmando que toda etnografia é *em parte filosofia e em parte confissão* (2008, p. 19).

Sendo assim, a interação com a alteridade marca o Teatro e a Antropologia, pois é no intercâmbio, na superposição polifônica entre eu e o outro que se revela o *encontro*, condição basilar que rege as ações dos dois agentes da cultura: o ator/artista e o antropólogo. Esse embate com o outro, sempre se configura a partir de regras, tanto subjetivas, quanto objetivas, que acabam por capacitar tanto o ator como o antropólogo a exercerem seus ofícios. Ambos partem da noção de experiência em que imagens do passado se articulam ao presente, possibilitando a mobilização dos sentidos do corpo na significação do mundo.

Para a *Antropologia da Performance*, a perspectiva etnográfica de Geertz vem a ser fundamental, na medida em que é com sua abordagem que os praticantes da etnografia puderam exercitar a imersão em campo partindo de uma *descrição densa*, sem a obrigação do relato fático ou da reconstrução fiel das comunidades etnografadas, mas com o compromisso de uma interpretação caleidoscópica, direcionada para a busca de estruturas complexas de significação. Por meio de suas ideias, há uma gradativa imersão do antropólogo no campo etnográfico, uma investigação que se contrapõe a modos de avaliação sistemáticos, apontando uma abordagem simbólica, onde o pesquisador situa-se como também sujeito da investigação, empreendendo sua própria construção a partir de construções pré-existentes e interpretando a cultura como:

(...) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 2008, p. 7).

Submetido a estados de risco, o antropólogo perante a comunidade, traz à tona a imagem de um círculo hermenêutico:

Saltando-se em duas direções, para trás e para frente, entre um todo percebido através das partes que o atualizam e as partes concebidas através do todo que as motiva, procuramos transformá-las, através de um tipo de movimento intelectual perpétuo, em explicações uma da outra (GEERTZ *apud* DAWSEY, 2004).

Chama atenção, nas discussões de Geertz, a proximidade entre arte e antropologia. O antropólogo, tal como os “nativos” com os quais ele dialoga, interpreta o fluxo da vida social. Sua atenção volta-se para a atividade humana, entendida como ação simbólica. Metáforas que se associam aos campos da literatura e das artes se apresentam com força em seus estudos. Uma briga de galos balinesa, por exemplo, apresenta-se para Geertz como “uma história sobre eles que eles contam a si mesmos”. Ela se parece com uma peça de Shakespeare. Desta maneira, ao elaborar o seu próprio texto, o antropólogo não deixa de produzir uma “ficção”, ou *fictio*, como algo modelado.

Se o trabalho do antropólogo está longe da imparcialidade, como visto, o que dizer do trabalho do ator-etnógrafo ou *artetnógrafo*, lidando com níveis profundos do imaginário cultural, trazendo-os para a cena performática? Como

poderia o ator criar interlocuções com a Antropologia para que pudesse por meio dela compreender sua ação em campo e os desdobramentos para a cena? Quais as especificidades do trabalho artístico no diálogo com o outro por meio da pesquisa etnográfica ou como aqui se intitula, *artetnográfica*?

Pela sua própria demanda investigativa na busca da alteridade, que se fez revelar em seu doutoramento na comunidade de Tejucupapo (PE), a pesquisadora passou a elaborar um trajeto de construção cênica que vai além de uma abordagem ficcional, da criação de personagens que são outros, muito comum no teatro, digamos, convencional, mas abarcando a ideia de f(r)icção, onde arte e vida coadunam-se em prol da cena vivificada. Regido pelo mito de Hermes, o artetnógrafo parece transitar entre dois mundos na relação com a comunidade e por esta perspectiva, apresenta-se como *performer*, e sua pesquisa, tal como uma performance.

Em sua experiência com a comunidade de Tejucupapo, entre 2007 e 2010, que veio a resultar no espetáculo “Guerreiras” (2009), procurou abordar este *artetnógrafo*, como um *ator de f(r)icção*, uma espécie de cartógrafo que vai traçando paisagens na relação com o outro. Longe de seguir uma reta de fatos, revelando-se em pedaços, em justaposições instáveis, onde a realidade não é um dado somente, a realidade transcende, atingindo a subjetividade dos sujeitos, ou seja, esse princípio cartográfico vai além do traçado de paisagens materiais. Como aponta Suely Rolnik:

Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos (2007, p. 23).

Deste ponto de vista, o artista que a pesquisadora começou a entrever aproxima-se, sobremaneira, da ideia de antropólogo investigada por Geertz. Um artista que, como o antropólogo fomenta a construção de pontes entre humanidades, sendo eles transmissores poéticos das mensagens do campo, mas também portadores de questionamentos idiossincráticos. Da mesma maneira que o antropólogo vinculado a esta proposição etnográfica, polifônica e complexa tem suas estratégias de atuação, propõe-se, com a *Artetnografia* que o artista embebido da interlocução com a Antropologia e também com experiências concernentes à Arte, possa fazer valer de uma via de acesso ao outro, com procedimentos de ação artística-etnográfica, onde Antropologia se faça teatro, não simplesmente, reflita teatro.

A *Artetnografia* vem a ser uma proposta de intervenção teórico-metodológica, que vivenciada no processo de criação de “Guerreiras”, vem se colocar em nível de aprofundamento em nova construção performática intitulada “Homens e caranguejos” (2011), propondo agora a interação com a comunidade da Ilha de Deus, no Recife (PE), no sentido de potencializar imagens múltiplas do romance homônimo do geógrafo pernambucano Josué de Castro. O processo *artetnográfico* destaca-se assim, como uma ação articulada por tensões entre os campos das Artes e da Antropologia, como uma mestiçagem de áreas, que fazem vir à tona camadas diversas de um mesmo discurso *artetnografadas* em

estímulo e desemboque da cena. Pretende-se com o destrinchar do conceito, compreender a rede tecida a partir da interlocução entre os imaginários da comunidade pesquisada e dos *artetnógrafos* envolvidos nos processos de criação artística, como efetivamente sucedeu-se na primeira performance. Sobre esta trama, diz o dramaturgo Newton Moreno:

Guerreiras desvela o aprendizado do humano na beira do mangue com respaldo das deusas. Um passeio muito interessante entre a fonte histórica (a resistência e luta das mulheres de Tejucupapo), a pesquisa de campo com as mulheres que habitam a região e o relato de suas lutas diárias, o campo de deusas e mitos que ampara milenarmente todas estas mulheres e o canto de guerra de cada atriz, sensivelmente inserido no *Movimento da Guerra*. Mesmo que se perca onde um começa e o outro termina, esta escrita multifocal nos permite uma viagem, um passeio, uma sugestão de *guerras do feminino* (apud LYRA, 2010, p.12).

Por fim, no desenrolar deste conceito evoca-se a íntima relação destes dois processos de criação citados com a geografia vegetal a qual se *filiam*: o manguezal. O mangue de Tejucupapo ou da Ilha de Deus, com suas raízes e torções, propõe-nos diversas possibilidades de caminhos que se justapõem na navegação, num tecido impregnado de experiências transvaloradas, onde histórias e geografias várias misturam-se indistintamente. Artistas e Comunidades entrelaçam-se como as raízes do manguezal, numa mestiçagem de afetos e territórios que se contaminam como a *peste artaudiana*, tendo o teatro como palco do *devaneio bachelardiano*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAWSEY, John. **Victor Turner e a antropologia da experiência**. São Paulo. Cadernos de Campo, 13: 163-176, 2005.

_____. **Clifford Geertz e o “selvagem cerebral”**: do mandala ao círculo hermenêutico. Cadernos de Campo. São Paulo: USP, v. 12, pp. 113-118, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, LTC Editora, 2008.

LYRA, Luciana de F. R. P. de. **Guerreiras e Heroínas em Performance; Da Artetnografia à Metodologia em Artes Cênicas**. 2011. Tese (Doutorado em Artes Cênicas), Instituto de Artes. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas-SP, 2011.

_____. **Guerreiras: texto teatral e trilha sonora original**. Recife-PE, Brascolor Gráfica e Editora, 2010.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**. São Paulo, Editora Salima e Editora UFRGS, 2007.

SCHECHNER, Richard. **Performance studies, an introduction**. London e New York. Routledge, 2002.

TURNER, Victor. **The Anthropology of Performance**. New York.